

A passos macios e cautelosos, as mãos enluvadas: a primeira recepção de *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha

Maráisa Faria¹

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: O romance *Bom-Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha (1867-1897), desafia os leitores da época ao colocar em cena o amor do marinheiro negro Amaro pelo grumete Aleixo. A complexidade da inserção no campo literário de um personagem negro, ex-escravo e gay (ciente do anacronismo) revela as várias facetas do discurso literário ao tratar de um romance emblemático como *Bom-Crioulo*. A polêmica em torno da primeira recepção do romance mostra que a rejeição ao romance não foi absoluta. Para além da visão negativa de teor condenatório, encontram-se posicionamentos de defesa ao livro. Nesse sentido, procuramos observar os posicionamentos de cada agente (editor, autor e críticos literários) presente na primeira recepção do romance a fim de lançar luz sobre novas vozes e novas formas de compreender o aparecimento de uma das primeiras narrativas homoeróticas na história da literatura brasileira.

Palavras-chave: *Bom-Crioulo*. Naturalismo. Recepção crítica.

Introdução

No Suplemento Literário do jornal *A Manhã*, de 2 de março de 1943, dedicado ao escritor cearense Adolfo Caminha (1867-1897), o crítico Waldemar Cavalcanti comentou sobre a incompreensão que cercava a obra do autor, desde que apareceu na cena literária com o romance *A normalista* (1893), filiado ao naturalismo. Ele nota que desde então criara-se uma resistência a Adolfo Caminha e sua obra, dos quais quase todos se aproximavam, na expressão do crítico, “a passos macios e cautelosos, as mãos enluvadas, com o maior receio desse mundo, como se semelhante contato os constrangesse” (*A Manhã*, Rio de Janeiro, 02/03/1943, p. 211). A expressão, que tomamos como título desse artigo, ilustra o posicionamento assumido pela tradição crítica em relação ao principal romance de Adolfo Caminha, *Bom-Crioulo* (1895), marcado pelo constrangimento, desde sua publicação até pelos menos a década de 1960. No prefácio de uma reedição de 1966, o próprio Waldemar Cavalcanti acaba por colaborar para uma leitura prevenida do romance ao desaconselhar a leitura do livro por considerá-lo corrosivo demais. A partir de nova pesquisa de fontes na

¹ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (2008) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (Literatura Brasileira) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro com pesquisa sobre o romance *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha.

Hemeroteca Digital Brasileira (FBN) e dos estudos sobre autor que aparecem na bibliografia, pretendemos revisitar e expandir a história da publicação desse romance polêmico, assim como conhecer sua recepção no primeiro momento de circulação.

O editor Domingos Magalhães e a Livraria Moderna

Ao pensar na publicação de *Bom-Crioulo*, não há como negar o espanto da inserção da história de amor entre dois marinheiros nas letras brasileiras do fim do século XIX. Não podemos apresentar uma resposta definitiva acerca das motivações que levaram Adolfo Caminha a realizar tal proeza. No entanto, podemos considerar alguns fatores que contribuíram para a publicação de *Bom-Crioulo*. O período de elaboração do romance coincide com a expansão do mercado editorial brasileiro. O Brasil passava por um processo de popularização do livro (EL FAR, 2004). Dessa forma, os editores procuravam publicações ao gosto do maior número de consumidores possíveis. Aos editores interessava os textos escandalosos, que “pudessem gerar euforia nos consumidores, comentários indignados nos jornais, polêmica nos círculos letrados” (EL FAR, 2004, p. 248), controvérsias que garantissem a venda de milhares de exemplares. Como a estética naturalista era capaz de gerar um efeito de fascinação e de repulsa ao invadir territórios inexplorados (a prostituição, o adultério, o alcoolismo e a sexualidade), ela atendia aos anseios dos editores.

A busca por textos polêmicos contribuiu para que o livreiro Domingos Magalhães publicasse, em 1895, o romance *Bom-Crioulo*. A audácia das obras naturalistas e a disposição do comerciante em publicá-las permitiram ao jornalista contemporâneo Alves de Faria caracterizar Domingos Magalhães como “valente e operoso editor”, que acertava diretamente as “barbas espantadiças do publico” (*O Commercio de São Paulo*, São Paulo, 03/12/1895, p. 1). No caso de *Bom-Crioulo*, o editor testava os limites do mercado editorial com a publicação de uma história de amor entre dois homens num ambiente militar. Carlos Eduardo Bezerra chega a afirmar que o editor teria encontrado no autor cearense o “modelo ideal de sua política de publicação” e acrescenta: “se a editora procurava ‘escândalos’, aquele autor os tinha para oferecer” (BEZERRA, 2009, p. 213).

Na década de 1890, após o declínio da prestigiosa Livraria Garnier que se seguiu à morte de seu proprietário, o livreiro francês Baptiste-Louis Garnier (1823-1893), Domingos Magalhães inaugura a Livraria Moderna (BEZERRA, 2009). Sem ter o mesmo prestígio da internacional Garnier, a Livraria Moderna destacava-se pela publicação de livros nacionais. A

presença do novo editor garantiu a publicação não apenas do audacioso *Bom-Crioulo*, mas também de todas as outras obras do jovem escritor cearense, com exceção do romance póstumo *Tentação* (1896). Domingos Magalhães foi também editor do romance *A normalista* (1893), do livro de viagem *No país dos ianques* (1894) e dos ensaios críticos de *Cartas literárias* (1895).

A percepção de que a Livraria Moderna e seu proprietário abriam novas perspectivas para as letras nacionais era compartilhada por outros observadores do período. Para o articulista A. de R.,² na coluna “Kaleidoscopio”, de 24 de outubro de 1897, do jornal carioca *A Notícia*, “Domingos Magalhães foi, dos nossos livreiros, o primeiro que se atreveu e se arriscou a entrar franca e desassombadamente no caminho escabroso da publicação de livros nacionais” (*A Notícia*, Rio de Janeiro, 25/10/1897, p. 2). A coluna também apontava para a trajetória do editor e marcava a efervescência das livrarias no período:

Foi um *tempo quente*: todos os jornais elogiavam a atividade e a coragem do arrojado livreiro-editor, augurando risonho futuro à Livraria Moderna. Um belo dia desapareceram as três *vitrines* da rua do Ouvidor e com elas desapareceu o Magalhães. Mais tarde soube-se que ele havia pago, com o desterro para a rua do Lavradio a ousadia da tentativa (*A Notícia*, Rio de Janeiro, 25/10/1897, p. 2).

De acordo com El Far (2004), após multiplicarem o capital inicial investido e garantirem um público leitor considerável, os livreiros gozavam de estabilidade financeira: “a rua do Ouvidor, com o seu florescente comércio de artigos de luxo, parecia ser o auge desse processo” (EL FAR, 2004, p. 37). Na época da publicação de *Bom-Crioulo*, Domingos Magalhães estava no apogeu de suas atividades como livreiro, uma vez que a Livraria Moderna ainda tinha endereço na renomada rua do Ouvidor, n. 54.

A capa da *Revista Teatral*, periódico literário que circulou no Rio de Janeiro na época da publicação de *Bom-Crioulo*, ao homenagear o editor com a publicação de seu retrato, reforçava sua coragem e audácia. No artigo “Domingos Magalhães”, o articulista Octavio Belmann enfatizava o fato de o editor ter aberto novos horizontes à literatura brasileira e ser considerado pela nova geração literária como “benemérito das letras brasileiras”, rompendo com os “processos usurpadores de que lançavam mão os garniers que se diziam editores” (*Revista Teatral*, Rio de Janeiro n. 23, 1894, p. 2). Belmann acentua os elogios a Magalhães quando afirma que “para nós que escrevemos, Domingos de Magalhães é imprescindível. Se temos editores, a ele devemos. Abriu o caminho” (p. 2).

² Dados biográficos sobre os articulistas dos jornais do período nem sempre foram possíveis de ser encontrados. Quando isso ocorrer, apenas citaremos o nome ou o pseudônimo do articulista e o jornal no qual colaborava.



Fig. 1: O livreiro Domingos Magalhães
Fonte: *Revista Teatral*, n. 23, Rio de Janeiro, nov. 1897

A relação conflituosa entre autor e editor subentendida nas considerações de Belmann, quando alude aos “processos usurpadores” dos “garniers”, foi explorada por Adolfo Caminha no artigo “Editores”, presente em *Cartas Literárias*. Para o escritor cearense, ao contrário da França, onde os livreiros eram homens inteligentes e honestos, no Brasil os editores obrigavam os escritores “à vida obscura de autores inéditos” (CAMINHA, 1895, p. 147). A queixa do romancista lançava luz sobre o contraste entre Garnier, editor das obras de Machado de Assis (1839-1908) e de Aluísio Azevedo (1857-1913), e Domingos Magalhães. Segundo El Far, “Garnier não lançava o primeiro livro de ninguém. [...] Caminhava num terreno seguro publicando aqueles que já haviam angariado alguma consagração literária ou prestígio intelectual” (EL FAR, 2004, p. 38).

Nesse sentido, Magalhães destoava ao adotar como estratégia o lançamento de autores brasileiros inéditos, abrindo espaço para jovens escritores em ascensão, como Adolfo Caminha e Coelho Neto (1864-1934). A coragem resultava da disponibilidade para se aventurar em terreno menos seguro do que a Garnier. Apesar da dura crítica de Caminha aos editores, não fosse a iniciativa de Domingos Magalhães de editar *A normalista*, seu romance de estreia, o escritor provavelmente teria permanecido na obscuridade dos autores nunca publicados. Assim, podemos considerar que o editor abriu o caminho para Adolfo Caminha e foi, se não imprescindível, uma figura importante na transformação dos textos do escritor em livros impressos.

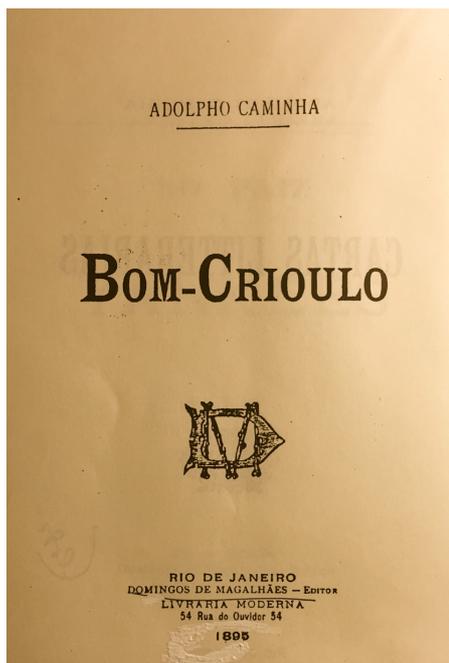


Fig. 2: Folha de rosto da primeira edição de *Bom-Crioulo*, pela Livraria Moderna, de Domingos Magalhães
Fonte: Acervo Sânzio de Azevedo

Além da edição do livro físico, as estratégias de publicidade do romance *Bom-Crioulo* faziam parte da inserção da obra no sistema literário e comercial da época. Era prática comum entre os escritores atuarem como divulgadores das obras. Assim, Adolfo Caminha, em carta aos padeiros, em *O Pão*, de 2 de fevereiro de 1895, anuncia que *Bom-Crioulo* estava no prelo e devia aparecer em dezembro.³ Na coluna “Mala do Rio”, do *Jornal do Recife*, de 5 de março de 1895, Coelho Neto anuncia as edições de Olavo Bilac, Aluísio Azevedo, Visconde de Ouro Preto, do romance de Caminha e do seu próprio livro *Fruto proibido*. Os anúncios engendravam expectativas nos leitores que esperavam pela publicação dos romances e antecipavam os comentários sobre a obra na imprensa. Além disso, a autopromoção reforçava os laços que uniam o grupo dos escritores no início de suas carreiras, bem como promovia o reconhecimento dos pares no círculo literário. Nesse sentido, desponta como significativa a presença do nome de Adolfo Caminha ao lado de autores já reconhecidos, como Olavo Bilac e Aluísio Azevedo.

No *Jornal do Brasil*, de 8 de março de 1895, também encontramos a nota: “a sair do prelo: Bom Crioulo”. Enquanto a propaganda de Caminha atingia um grupo específico de literatos, ligados à revista literária *O Pão*, a publicidade realizada pela Livraria Moderna

³ *O Pão* era o jornal da “Padaria Espiritual”, agremiação de jovens artistas cearenses, da qual Adolfo Caminha foi membro fundador (MENDES, 2012).

atingia um maior número de leitores, uma vez que propagada em jornais de grande circulação. Dessa maneira, visava ao grande público e à venda do maior número de exemplares.

A antecipação mais elaborada do romance, no entanto, foi realizada no *Correio Paulistano*, de 22 de fevereiro de 1894. Ao destacar a novidade do tema, o articulista SATYRO deixa entrever como, mesmo antes da publicação do romance, o assunto já causava estardalhaço. SATYRO também apresenta um entendimento da estética naturalista como método de observação da vida, ao definir o romance como “a descrição fiel da vida do marinheiro estudada por Adolfo Caminha com o cuidado meticuloso e a fina tática de observação que o caracteriza” (*Correio Paulistano*, 22/02/1894, p. 2). A nota do articulista sinalizava, assim, para uma aceitação do homoerotismo como tema no universo literário na década de 1890.

No ano de lançamento, observamos o anúncio destacado do romance no jornal *O País* de 19 de novembro. O anúncio aparecia ocupando o topo da última página do jornal, em destaque, dando provas da confiança de Magalhães no sucesso de venda de *Bom-Crioulo*, assim como no talento de Adolfo Caminha, ao divulgar outros títulos de sua lavra publicados pela Livraria Moderna. “Última novidade de 1895”, *Bom-Crioulo* custava 4 mil réis, um pouco acima da média de 3 mil réis que custavam um livro entre 100 e 200 páginas. Com 3 mil réis se podia comprar um almoço barato para dois no Largo da Carioca (EL FAR, 2004).

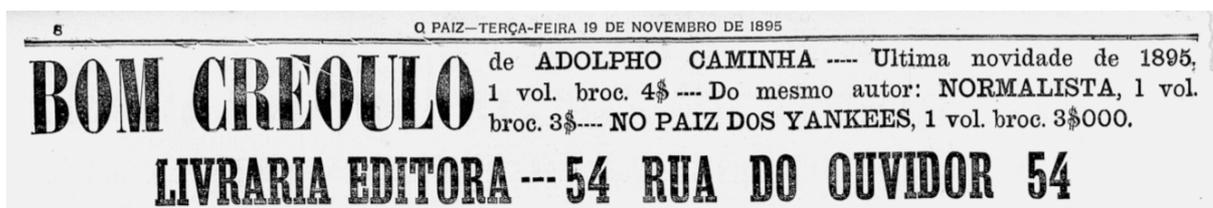


Fig. 3: *Bom Crioulo* à venda na Livraria Moderna
Fonte: *O País*, 19/11/1895, p. 6.

Além dos anúncios e notas, era prática comum enviar exemplares dos livros para as redações dos jornais, antes de chegar às livrarias. Na edição de 12 de novembro de 1895, de *O País*, encontramos uma nota acusando o recebimento de *Bom-Crioulo*: “cento e dezessete folhas de papel impresso, ligados entre si por mimoso laço de fita rósea, com o oferecimento de um *avant la lettre* do Sr. Domingos Magalhães, chegaram-nos às mãos ontem” (*O País*, 12/11/1895, p. 1). O exemplar especial revela a apropriação que o editor fez do romance como produto comercial. O laço rosa num livro naturalista sobre o amor homoerótico podia ser uma pilhéria irônica de Domingos Magalhães que Adolfo Caminha não aprovaria, tendo

em vista a seriedade com que encarava seu romance de observação e estudo. A crueza e brutalidade de uma obra de teor científico se desfaziam diante da atitude despojada do editor. Se Domingos Magalhães utilizou o laço rosa como forma de associar algo de feminino ao amor entre dois homens, não nos cabe afirmar. Entre o autor, o editor e a publicação do romance existem distâncias que nem sempre podemos explicar.

Se Caminha, Magalhães e a imprensa tornaram possível o aparecimento de *Bom-Crioulo*, podemos agora nos perguntar de que forma um livro sobre o amor entre dois homens foi recebido pelos leitores da época. No jornal *Don Quixote*, de nove de janeiro de 1897, o crítico Léo, ao comentar o falecimento do romancista cearense, aponta para a polêmica causada pelo aparecimento do romance dois anos antes. A inquietação gerada pela presença de tipos que se chocavam com os sólidos valores burgueses fazia com que a estética naturalista aparecesse como deslocada e perturbadora, sendo as diversas obras naturalistas enquadradas numa mesma “pragmática do escândalo” (BAGULEY, 1995, p. 141), caso exemplar de *Bom-Crioulo*:

O Bom-Crioulo, atrevido romance naturalista, acabou por torná-lo apontado, sendo a sua obra alvo de discussões e controvérsias, pelo cru e arrojado da descrição de um caso de depravamento moral – infelizmente não raro nem fantasioso – e imprimindo a nota escandalosa à vida pública do moço escritor (*Don Quixote*, 09/01/1897, p. 3).

Apesar do escândalo, o amor entre pessoas do mesmo sexo já aparecera nos discursos científicos contemporâneos. O estudo *Frescos Trópicos*, dos historiadores James N. Green e Ronald Polito, apresenta fontes sobre o homoerotismo no Brasil de 1870 a 1980. Segundo os autores, somente nas últimas décadas do período imperial se podem notar discursos reveladores de uma “cultura homoerótica no Brasil” (GREEN, 2006, p. 27). Esses comentários eram produzidos, principalmente, por médicos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Um desses estudos foi o livro *Da prostituição em geral e em particular em relação à cidade do Rio de Janeiro, profilaxia da sífilis*, escrito por Francisco Ferraz de Macedo, em 1872. As considerações do médico revelavam a presença e mobilidade de homens que gostavam de homens nos espaços urbanos cariocas. Segundo Macedo, citado por Green: “pode-se dizer que de um modo geral os sodomitas estão distribuídos por toda a cidade; (...) Os lugares que mais frequentam são as *portas de teatro*, quando há espetáculo; as casas de *bilhares*, (...) *os botequins e cafés* (...)” (MACEDO *apud* GREEN, 2006, p. 30).

A constatação da presença desses sujeitos no universo da capital colabora para o entendimento de que o amor entre essas pessoas, embora censurado, era algo que fazia parte do cotidiano da sociedade no final do século XIX (MENDES, 2013). Acrescenta-se a isso o

fato de que essas relações foram evidenciadas pelo próprio Adolfo Caminha em sua passagem pela Marinha. A audácia do escritor estava em trazer para o espaço da literatura oficial, na rua do Ouvidor, algo que era do conhecimento público, mas permanecia encoberto por uma moral rígida, que desautorizava tudo o que colocava em xeque os fundamentos da família patriarcal. A recepção inicial de *Bom-Crioulo* mostra como a inserção de um personagem negro, gay e ex-escravo no universo literário brasileiro gerou discussões e controvérsias no círculo literário e fora dele. Entretanto, a rejeição ao romance não foi absoluta. Para além da visão negativa de teor condenatório, encontram-se posicionamentos de defesa ao livro, como veremos.

Valentim Magalhães, o principal detrator

O efeito de uma literatura provocadora acirrava o teor dos comentários negativos ao romance de Caminha. O influente crítico Valentim Magalhães (1859-1903), na coluna *Semana Literária*, do jornal *A Notícia*, de 21 de novembro de 1895, apresenta talvez a apreciação mais ácida do romance quando saiu. O crítico chega a definir o livro como “podre”; “é o romance-vômito, o romance-poia, o romance-pus”. Magalhães afirma ser o livro a “quintessência da porcografia” e condena Caminha como um “inconsciente, por obcecação literária ou perversão moral”. Desde o início o crítico alerta aos leitores da coluna da intenção de escrever unicamente para preencher o espaço da coluna e não para incitar o apetite pela leitura do romance, o qual julga servir apenas para “envenenar as ratazanas da ilha de Sapucaí”. Na visão do crítico, o romance era imoral por revelar a relação entre dois homens – assunto considerado por Magalhães inadequado ao universo literário. O colunista espanta-se com a audácia tranquila com que Caminha “exibiu e desenvolveu o seu assunto horripilante e nauseabundo como se fosse a coisa mais singela e mais corrente do mundo das letras” (*A Notícia*, Rio de Janeiro, 21/11/1895, p. 1).

Como homem de seu tempo, Magalhães rejeitava a relação amorosa entre dois homens. A posição do crítico corroborava a posição da maioria, uma vez que os preceitos morais vigentes repudiavam esse tipo de envolvimento, o que não anulava a presença do homoerotismo na sociedade, mesmo que velada. A estética naturalista, nesse caso, era escandalosa porque ameaçava os ditames da sociedade burguesa e implicitamente rompia com os modos de representação da cultura e da literatura institucionalizadas (BAGULEY, 1995). Por isso Magalhães não só repudiava a relação entre pessoas do mesmo sexo, mas também

mostrava indignação com o fato de esse envolvimento se apresentar como tema literário, o que correspondia para o crítico a um ultraje à literatura institucionalizada e moralizante.

A associação do naturalismo à pornografia era algo comum naquele tempo. Segundo El Far, “muitas das histórias naturalistas, apesar do respaldo da explicação científica, eram, na visão de editores, críticos e de leitores enquadradas na literatura de livros pornográficos” (EL FAR, 2004, p. 193). Essa associação, por um lado, fomentava a curiosidade dos leitores, a qual justificava o medo de Valentim Magalhães de o seu texto resultar num reclame do romance, uma vez que, segundo o crítico, o público apreciava os livros que “tresandam a pornografia” (*A Notícia*, Rio de Janeiro, 21/11/1895, p. 1). Por outro lado, a associação reduzia a estética naturalista ao intuito de descrever cenas eróticas, sendo esta apenas uma das facetas do movimento que intencionava explorar os vários aspectos da corporalidade humana – concebendo o corpo como algo banal, assumido em sua totalidade de ser, ao mesmo tempo belo e ridículo (MENDES, 2014).

O emprego do termo “pornografia” para rechaçar o romance de Caminha, bem como outras obras naturalistas, aparece também nos comentários de Mario Pardal, na coluna *Vida Bohemia*, do jornal carioca *Gazeta da Tarde*, de 26 de março de 1896. Mario Pardal era o pseudônimo do escritor Cláudio de Souza (1876-1954), colaborador da *Gazeta da Tarde* e do *Cidade do Rio*, que seria presidente da Academia Brasileira de Letras por duas vezes (1938 e 1946) e um dos fundadores da Academia Paulista de Letras (1909). O crítico se colocava favorável ao posicionamento de Valentim Magalhães. Pardal afirma que concordava “com o cronista quando desancou a mão o pretencioso livro de sr. Adolfo Caminha”. Ademais, alude ao fato de Adolfo Caminha não fazer parte da nova geração de escritores, pois “a arte não enlamearia as suas vestes transparentes e lúcidas no lupanar de *Bom-Crioulo*, onde a baixa prostituição faz ouvir a sua voz avinhada e o som surdo dos seus tamancos” (*Gazeta da Tarde*, Rio de Janeiro, 26/03/1896, p. 1).

A apreciação dos que rechaçavam a estética naturalista a título de pornografia ia de encontro aos preceitos naturalistas. O objetivo da estética era captar os medos, os tabus e os desejos reprimidos da sociedade como matéria-prima da literatura. A franqueza chocante com que Caminha revelava a relação entre Amaro e Aleixo fazia parte do programa naturalista de “exibir a realidade do amor, da morte, do corpo” como “fenômenos puramente biológicos” (BAGULEY, 1995, p. 144). O apelo ao rebaixamento da obra de Caminha pelo viés do epíteto de pornográfica esclarece em parte a polêmica da primeira recepção de *Bom-Crioulo*. As

querelas desenvolvidas no campo literário auxiliam, por outro lado, na compreensão da acidez dos críticos.

Na coluna da *Semana Literária*, de 2 de setembro de 1895, Valentim Magalhães, ao comentar *Cartas literárias*, alude ao fato de que seus julgamentos tendiam a imparcialidade, apesar das “três ou quatro referências, desdenhosas umas, ferinas outras, com que honrou o seu autor a minha obscura individualidade” (*A Notícia*, Rio de Janeiro, 02/12/1895, p. 1). A ressalva, no entanto, não impedia Magalhães de dizer que Caminha, no âmbito da crítica literária, “apenas engatinha[va]”, compondo um “mosaico de bobagens de todas as cores”. As farpas trocadas entre o romancista cearense e o crítico ultrapassavam o campo da imprensa e resvalaram na ficção de Caminha. Segundo Carlos Eduardo Bezerra, o personagem Valdevino Manhães, do romance *Tentação*, seria a caricatura do crítico literário Valentim Magalhães. Na defesa que escreveu de *Bom-Crioulo*, o romancista refere-se a Magalhães como “diretor de uma Companhia de seguros” (CAMINHA apud BEZERRA, 2009, p. 445), um burocrata ao qual estaria entregue a crítica no Brasil.

A crítica ferrenha de Valentim Magalhães, como ele mesmo temia, parece ter contribuído para a venda de muitos dos cinco mil exemplares que Domingos Magalhães mandara imprimir:

Não houve quem não quisesse ler a obra mais caluniada de quantas se tem escrito neste país. O BOM CRIOULO vendeu-se à guisa de cartilha de infância, com grande surpresa para o autor, que acreditava no poderio da crítica educadora (CAMINHA apud BEZERRA, 2009, p. 445).

A defesa de Caminha

O desafeto evidente entre Adolfo Caminha e Valentim Magalhães lança luz sobre as lutas no campo literário, que determinavam os posicionamentos negativos ou positivos em relação às obras publicadas. Nesse sentido, o fato de Magalhães ter sido uma “personalidade ímpar no universo literário da época” (MELLO, 2007, p. 108) explica a centralidade de seu posicionamento no conjunto das críticas de *Bom-Crioulo*, no momento de sua primeira circulação. Dentro dessa perspectiva, a importante crítica de Magalhães parece ter sido o mote para a defesa do romance realizada pelo próprio Caminha alguns meses depois, no artigo *Um livro condenado*, publicado na edição número 2 de *A Nova Revista*, de 1896 (BEZERRA, 2009).

Para o sociólogo francês Pierre Bourdieu, “afora os artistas e os intelectuais, poucos agentes sociais dependem tanto, no que são e no que fazem, da imagem que têm de si próprios

e da imagem que os outros e, em particular, os outros escritores e artistas têm deles e do que eles fazem” (BOURDIEU, 2007, p. 108). Nesse sentido, Caminha, ao defender o romance, também tem a preocupação de desfazer a imagem sugerida por Magalhães de um possível entrelaçar entre a obra e a vida do escritor, no qual ele, assim como o personagem Amaro, manteria relações afetivas com outros homens. Não por acaso, o escritor cita outros autores naturalistas, como Zola, que era um homem casto, para demonstrar como as relações apresentadas nas obras de arte diferem do comportamento de seus autores.

Para rebater a acusação de imoralidade lançada ao romance, Caminha afirmava ser *Bom-Crioulo* nada mais do que um estudo de “inversão sexual”, como se dizia na época, observado por Krafft-Ebbin, Moll e Tardieu, numa bibliografia científica em língua francesa que o escritor alegava possuir em sua biblioteca. Quanto mais os críticos rechaçavam as obras naturalistas por imorais, mais os romancistas invocavam a neutralidade científica (BAGULEY, 1995) – caso exemplar da resposta de Caminha. À execração pública, o autor contrapõe o objetivo de análise e, melhor, de condenação da relação entre dois homens, servindo, assim, por sua intenção científica, aos preceitos de uma literatura moralizante ao gosto da crítica contemporânea.

Vale ressaltar que se, como crítico, o autor se aproximava dos ditames morais vigentes, aludindo a expressões como “condenação” e “homossexualismo”, na escrita do romance essas expressões foram substituídas por uma posição de ambiguidade do narrador. Apesar dos termos científicos empregados com conotação negativa, no romance o narrador deixa Amaro falar com sua própria voz sobre os conflitos gerados pela descoberta de seu desejo por Aleixo. Leonardo Mendes afirma ser Adolfo Caminha no romance “menos convicto em seu naturalismo” do que na crítica, uma vez que “às vezes explica, classifica e condena; às vezes retira-se, abstém-se, recusa-se a julgar” (MENDES, 2000, p. 194). Nesse sentido, a identificação do narrador com o protagonista é incontornável e mesmo, no final, quando Amaro é preso, o leitor ainda mantém uma aproximação benevolente com o personagem trágico.

Ao reivindicar a neutralidade da ciência, o romancista tentava empregar o método do “romance experimental” de Zola, a partir do qual o autor, fundamentado no discurso científico, distanciava-se do objeto estudado. Para Pierre Bourdieu, o “romance experimental” oferecia a Zola “um meio privilegiado de neutralizar a suspeita de vulgaridade ligada à inferioridade social dos ambientes que descrevia” (BOURDIEU, 1997, p. 137). Assim, Zola poderia associar “o olhar do romancista experimental com o ‘olhar clínico’, instituindo entre o

escritor e seu objeto a distância objetivadora que separa as grandes sumidades médicas de seus pacientes” (BOURDIEU, 1997, p. 137). Imbuído desse “olhar clínico”, Caminha, ao mesmo tempo em que rejeitava a relação estabelecida pela crítica de Valentim Magalhães entre os personagens e o caráter do autor, defendia a expressividade de personagens como Amaro.

Outros apoiadores

A defesa do romance não animou somente a pena do próprio autor, o que salienta a importância da polêmica causada pelo livro nas críticas realizadas nos rodapés e crônicas jornalísticas da época. Além disso, evidencia que havia leituras diferentes do romance, que apresentavam uma visão menos condenatória e até hoje desconhecida pela historiografia do romance e do naturalismo brasileiro.

Em 1896, o jornal paraense *Folha do Norte*, na coluna “Livros e Revistas”, publicou uma nota de apoio a Caminha e provocou Valentim Magalhães ao sugerir que o romancista fazia bem em insurgir-se “contra a imbecil chefia da critica nacional” (*Folha do Norte*, Pará, 20/03/1896, p. 1). Na coluna “Arrufos”, da *Gazeta de Petrópolis*, de 5 de janeiro de 1897, o articulista Zé Telles chama a atenção para o fato de *Bom-Crioulo* ser “um livro de observação, um estudo fino e apurado de um vicioso infame, como o Jovino sabe que existiam nos inferiores da classe que ele e o pobre Caminha tanto honraram e que, também, me desvanço de ter pertencido” (*Gazeta de Petrópolis*, 05/01/1897, p. 2). A apreciação positiva da obra coexistia mais uma vez com a alusão à observação e ao estudo fino. Acrescentava-se a isso o reconhecimento das relações homoeróticas no ambiente da Marinha. Se ao naturalismo cabia a descrição da vida tão como ela era, nada mais natural que o estudo de casos existentes na vida real.

Dunshee de Abranches (1868-1941), na coluna “Crítica Literária” de 25 de dezembro de 1896 do *Jornal do Brasil*, do qual foi redator, revela posição favorável a Caminha e contrária à opinião de Valentim Magalhães. A coluna ainda deixa entrever as lutas internas do campo literário, uma vez que defende a superioridade de *Bom-Crioulo* quando comparado a *Flor de Sangue* (1897), romance recém-publicado de Valentim Magalhães:

Já imagino o que não dirá o Sr. Adolfo Caminha, que escreveu um romance que o Sr. Valentim Magalhães arrastou injustamente pelas ruas da amargura, como uma produção reles, indecorosa e indigna de ser inscrita na nossa pobre literatura nacional. Entretanto, há nesse livro páginas de grande vigor vírgiudescriativo, de verdadeiras belezas que se não encontram na *Flor de*

Sangue, em que a nossa natureza mereceu tão pouca atenção (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25/12/1896, p. 1).

As relações de afinidade entre os escritores pareciam influenciar no posicionamento que assumiam nas suas crônicas literárias. Ao detratar o romance de Valentim Magalhães, Abranches tomava partido da obra de um desafeto daquele, no caso Caminha. A proposição favorável ao romance do autor cearense serve aqui para acentuar a crítica feita ao livro de Magalhães. No entanto, não deixa de evidenciar uma perspectiva que se opõe à visão ácida de Magalhães sobre *Bom-Crioulo*, reafirmando uma rejeição não absoluta ao romance, com um parecer que reconhece as qualidades do livro e não aparenta ser carregado de moralismo.

A hipótese da centralidade da crítica de Valentim Magalhães é realçada pelo posicionamento do escritor Alves de Faria, que atuava na imprensa literária da época como colaborador do jornal *Cidade do Rio* e do *Jornal Ilustrado*, sendo também membro de diversas revistas literárias: *Thebaida*, *Arcadia* e *Via Lactea*. Curiosamente, Faria tinha feito um breve comentário sobre a publicação de *Bom-Crioulo* na coluna “Semanário” do jornal *Cidade do Rio*, de 19 de novembro de 1895. Na nota, o crítico admitia que, apesar de explorar cenas indecentes e de filiar-se ao naturalismo já tão explorado, o livro não desagradava. Para ele, o desagradável no naturalismo brasileiro era a imitação da literatura francesa.

No entanto, após a coluna de Valentim Magalhães aparecer em 20 de novembro, Alves de Faria volta ao assunto e parece adotar uma posição mais positiva ao comentar o livro de Caminha no jornal *Comércio de São Paulo*, a 3 de dezembro de 1895. Na coluna “Da Capital”, Alves de Faria, ao rechaçar os comentários de Magalhães sobre a obra de Caminha, mostrava uma compreensão mais clara da estética naturalista, bem como manifestava repúdio à hipocrisia daqueles que se escandalizavam com a relação amorosa entre Amaro e Aleixo. Faria chegava a afirmar que a relação dos marinheiros não era mais que uma “libertinagem necessária na vida de bordo” (*Comércio de São Paulo*, 03/12/1895, p. 1).

Os comentários de Alves de Faria sugerem o questionamento da moralidade que, amparada em convenções rígidas, fechava os olhos para formas de sexualidade que não se enquadravam no padrão familiar tradicional. Faria parecia relativizar os valores morais hegemônicos. Para o colunista, “a obra é naturalista e a pederastia se dá aí todos os dias”. Ainda segundo o crítico, “a feição da agonia deste século é toda naturalista” e Caminha, ao escrever *Bom-Crioulo*, “nada mais fez que obedecer ao equilíbrio geral e uniforme da tendência atual”. Nesse sentido, o texto provocava aqueles que, definindo o romance como imoral, negavam a existência do amor entre pessoas do mesmo sexo. Assim Faria escreve: “quanto aos críticos que se zangam com a pederastia estudada e descrita, que não passem à

noite por certos largos da capital, onde o amor predomina numa promessa irregular e a tentação tem olhos úmidos e leques que abanam” (*Comércio de São Paulo*, 03/12/1895, p. 1).

Ao contrário daqueles que taxaram o livro de imoral, Faria nele observava as qualidades artísticas da estética naturalista. O crítico apreciava o procedimento favorito dos escritores naturalistas – a fixação de imagens que dirigia o olhar do leitor como se ele estivesse diante de uma verdadeira tela (BAGULEY, 1995):

O livro, feito como é, dentro das fronteiras mais francas ao espírito brasileiro, não sei se pela abundância e fecundidade de natureza e de paisagem, - as fronteiras do naturalismo, - apanha perfeitamente certas cenas e as descreve vivamente, por um processo instantâneo de fotografia (*Comércio de São Paulo*, 03/12/1895, p. 1).

Da mesma forma, enquanto no primeiro comentário, Alves de Faria observa que “o autor não tem largo colorido na frase e descreve naturalmente, de acordo com a escola a que se filiou” (*Cidade do Rio*, 19/11/1895, p. 1), no segundo momento o romancista “apanha perfeitamente certas cenas e as descreve vivamente” (*Comércio de São Paulo*, 03/12/1895, p. 1). Nesse caso, podemos supor a relevância das polêmicas nas considerações das obras publicadas. As questões literárias, nesse sentido, muitas vezes cediam espaço às lutas entre os diversos grupos literários.

Frota Pessoa (1875-1950), amigo de Caminha, denunciava a hipocrisia da sociedade ao condenar o romance. Na *Gazeta de Notícias*, de 7 de janeiro de 1897, ao comentar o falecimento do escritor, o amigo do autor cearense afirmava:

Depois deu um livro que assombrou os covardes escrevinhadores dos contos de salão – *Bom-Crioulo*, um estudo vigoroso e são, arrojado e honesto, de uma surpreendente força de análise e uma nobreza clássica de estilo, que o colocou definitivamente. Quem era esse audacioso que não respeitava os escrúpulos seculares e burgueses de uma sociedade hipócrita e apodrecida e vinha afrontá-los com um desprezo de pasmar por suas leis e suas tradições (*Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 07/01/1897, p. 2)?

O apontamento de Pessoa mostra-se relevante, principalmente, ao contrapor as palavras de nojo e imoralidade dadas ao romance *Bom-Crioulo*, os adjetivos “arrojado” e “honesto”. Além disso, revela o caráter combativo da estética naturalista, que estava preocupada em descrever a vida tal qual era e por isso despojava-se dos valores tradicionais burgueses. Para Pessoa, o romance naturalista chocava, talvez, por mostrar as verdades que os “covardes escrevinhadores dos contos de salão” escondiam por trás de uma literatura feita aos moldes da convenção moral.

Considerações finais

Quando Adolfo Caminha morreu, em janeiro de 1897, o influente Artur Azevedo (1855-1908) alegou que o autor cearense só tinha um romance de que se orgulhar: *A normalista*. Para ele, *Bom-Crioulo* fora um erro do qual o escritor só seria absolvido escrevendo outro livro. Nesse sentido, apenas *A normalista* garantiria a Caminha ser lembrado com honra e respeito pelos filhos e netos que mais tarde fariam o balanço da produção intelectual do período (*O País*, Rio de Janeiro, 05/01/1897, p. 1). Numa carta enviada ao jornal *A Notícia*, em outubro de 1897, Frota Pessoa acusou Coelho Neto de corroborar a opinião de Artur Azevedo e alimentar a lenda de que Adolfo Caminha só tinha um livro de verdade: *A normalista*. Ao “furtar-se a citar o *Bom-Crioulo*, o que seria, em verdade, de um efeito escandalosíssimo”, Coelho Neto escolhia compactuar com a crítica e “as convenções do meio”. Frota Pessoa questionava Coelho Neto pela decisão de ignorar “aquele fruto tardio e extemporâneo” (*A Notícia*, Rio de Janeiro, 05/10/1897, p. 2). O silêncio de Coelho Neto a respeito de *Bom-Crioulo*, quase dois anos depois de sua publicação, era a manifestação do mesmo mal-estar que causara o furor acusatório de Valentim Magalhães em 1895.

Os embates travados na primeira recepção do livro evidenciavam a rivalidade entre dois grupos de escritores. De um lado, tínhamos Valentim Magalhães, Artur Azevedo, Coelho Neto e Cláudio Souza, os escritores dominantes, ligados às academias, com acesso às colunas de jornais de maior prestígio e circulação; de outro, tínhamos Zé Telles, Alves de Faria, Dunshee de Abranches e Frota Pessoa, os escritores dominados, cuja posição subalterna no campo os levava a ser mais generosos e menos moralistas na avaliação e acolhimento de romances escandalosos rejeitados pelos escritores dominantes, como forma de lhes fazer oposição. Esses escritores menores, alguns (não por coincidência) desconhecidos da historiografia, acolheram positivamente a ousada narrativa do amor entre dois homens escrita por Adolfo Caminha, mas isso não queria dizer que, como havia declarado o próprio autor cearense, aprovassem o amor entre pessoas do mesmo sexo. Era um apoio político a um intelectual *outsider* (HOWES, 2005) que tentava se viabilizar como escritor no Rio de Janeiro sem beijar a mão dos escritores dominantes. Seja como for, em 1895 havia pessoas capazes de abordar o assunto sem o peso do moralismo contemporâneo – o que já seria um grande feito do romance de Caminha.

Se considerarmos que “o discurso sobre a obra não é um simples adjuvante, destinado a favorecer-lhe a apreensão e a apreciação, mas um momento da produção da obra, de seu sentido e de seu valor” (BOURDIEU, 1997, p. 197), a polêmica em torno do aparecimento de *Bom-Crioulo* em 1895 torna-se essencial para a compreensão plenamente histórica de sua

trajetória como romance naturalista brasileiro. A polêmica revela como a estética naturalista apresentava amplo espectro de denominações, que iam do moderno “romance científico” à pornografia, e como Adolfo Caminha ocupava uma posição marginal no campo artístico na época da publicação de *Bom-Crioulo* – um escritor e uma obra que não eram ligados organicamente aos escritores dominantes. Por isso o naturalismo de *Bom-Crioulo* era pornográfico e intolerável, enquanto o de Aluísio Azevedo, em *O cortiço* (1890), publicado pela Garnier, era nobremente “científico”. É claro que o romance de Caminha despertava com mais clareza o chamado “pânico homossexual” – a descoberta no final do século XIX de sujeitos que amavam pessoas do mesmo sexo e a resistência a esse amor (SEDGWICK, 1985, p. 183). A rejeição, entretanto, era mais política do que estética.

No primeiro momento de circulação, *Bom-Crioulo* se insere nas acaloradas polêmicas na imprensa e nos grupos em posição de rivalidade e aliança do fim do século XIX. Mais tarde, a recepção do romance de Caminha ganhará novos contornos, embora persistisse o choque entre as normas sociais e a liberalidade da arte naturalista. Apesar da complexidade tanto do romance quanto da crítica sobre ele, por muito tempo os críticos brasileiros preferirão não se arriscar em um terreno tão “pedregoso”. Ao barulho causado pelo aparecimento do romance, sobressaiu o silêncio das histórias de literatura escritas tempos depois. A resistência de Valentim Magalhães, Coelho Neto e Artur Azevedo colaboraram para o desaparecimento de *Bom-Crioulo*, um *best-seller*, até pelo menos a década de 1930. Pensado no contexto de sua publicação, na forma como foi lido e apropriado por livreiros e leitores, *Bom-Crioulo* era o livro de um autor marginal sobre um amor marginal, publicado por um editor emergente. O ideal seria poder ignorá-lo, como queriam os escritores dominantes. Mas se era preciso falar sobre ele, recomendava-se cautela e proteção para as mãos.

Referências bibliográficas:

BAGULEY, David. *Le naturalisme et ses genres*. Paris: Nathan, 1995.

BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. *Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CAMINHA, Adolfo. *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro: Moderna, 1895.

EL FAR, Alessandra. *Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GREEN, James; POLITO, Ronald. *Frescos Trópicos: fontes para a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HOWES, Robert. Raça e sexualidade transgressiva em *Bom-Crioulo* de Adolfo Caminha. *Graphos*, Revista de Pós-Graduação em Letras, João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, vol. 7, n. 2/1, 2005, p. 171-190.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MENDES, Leonardo. Biblioteca picante: o naturalismo como produto erótico. In: HELENA, Lúcia; OLIVEIRA, Paulo César de (Org.). *Literatura, arte e mercado: XI Seminário Nação-Invenção*. Niterói, RJ: Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, 2014, p. 83-95.

_____. *O retrato do imperador: negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. (Coleção Memória das Letras, 7).

_____. Vida literária e homoerotismo no Rio de Janeiro de 1890. *Via Atlântica*, Universidade de São Paulo, n. 24, p. 133-148, dez. 2013.

_____. Vida literária em *O pão da Padaria Espiritual*, Fortaleza (1892-1896). *Interfaces*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, n. 17, vol. II (jul/dez), p. 62-74, 2012.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between men. English literature and male homosocial desire*. New York: Columbia University Press, 1985.

PERIÓDICOS CONSULTADOS (HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA)

A Manhã, Rio de Janeiro, 02/03/1943.

O Commercio de São Paulo, São Paulo, 03/12/1895.

A Notícia, Rio de Janeiro, 21/11/1895, 02/12/1895, 05/10/1897 e 25/10/1897.

O País, Rio de Janeiro, 19/11/1895 e 05/01/1897.

Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 07/01/1897.

Cidade do Rio, Rio de Janeiro, 19/11/1895.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 08/03/1895 e 25/12/1896.

Gazeta de Petrópolis, Petrópolis, 05/01/1897.

Folha do Norte, Pará, 20/03/1896.

Gazeta da Tarde, Rio de Janeiro, 26/03/1896.

Don Quixote, Rio de Janeiro, 09/01/1897.

Correio Paulistano, São Paulo, 22/02/1894.

Jornal do Recife, Recife, 05/03/1895.

Revista Theatral, n. 23, Rio de Janeiro, nov. 1897.

With careful, soft steps, and gloved hands: the first reception of *Bom-Crioulo* (1895), by Adolfo Caminha

Abstract: The novel *Bom-Crioulo* (1895), by Adolfo Caminha (1867-1897), defied coeval readers by portraying the Love story between the Black sailor Amaro and the cabin-boy Aleixo. The analysis of this emblematical novel, especially the complicated presence of a black, former slave and gay character in the nineteenth-century literary domain, reveals many facets of the literary discourse. The coeval reader's polemical evaluation shows that the novel's rejection was not a consensus despite many disapproval reviews. Thereby, we intend to analyze the reviews of each literary critic who wrote about *Bom-Crioulo* in the immediate years following the novel's publication. This analysis aims to shed light on the appearance of one of the first homoerotic narratives in Brazilian literature.

Keywords: *Bom-Crioulo*. Naturalism. Critical reception.

Recebido em: 12 de agosto de 2015.

Aprovado em: 22 de novembro de 2015.